

AS REPRESENTAÇÕES DO ÍNDIO NA REVISTA MANCHETE NA DÉCADA DE 70

MELO, Débora Corrêaⁱ; ROCHA, Leandro Mendesⁱⁱ

Palavras-chave: representações, índio, imaginário

1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

O presente trabalho tem por finalidade empreender um estudo das representações do índio na revista *Manchete* no período da década de 70. Vamos nos ater tanto ao texto como às imagens fotográficas dessas revistas, haja vista serem estas revistas de fotojornalismo. Nelas, texto e imagem formam uma amálgama, sendo, portanto, indissociáveis.

Estamos lidando com o período da ditadura militar, mais precisamente com os anos de maior radicalização da política oficial. É nesse período que a FUNAI, recém – fundada (1967), órgão oficial do governo para gerir e tutelar os grupos indígenas do Brasil, passa por uma grave crise de legitimidade, em virtude da demissão de sertanistas e antropólogos dos seus quadros de funcionários e a nomeação de militares sem qualquer conhecimento da questão indígena para ocuparem tais cargos. Além disso, a FUNAI passa a ser controlada pela Secretaria do Planejamento e o Ministério do Interior e da Integração Nacional, órgãos muito mais interessados nas questões econômicas do que na indígena. Aliás, a própria FUNAI vai passar à exploração de áreas indígenas, concedendo licenças para a exploração da mineração e também às madeireiras em terras indígenas, como é o caso da reservas Kaingang.

Também é neste momento que temos posto em prática os grandes programas nacionais de desenvolvimentismo, que tiveram grande impacto sobre diversos povos indígenas no Brasil, como a Transamazônica, a construção da rodovia Cuiabá – Santarém, as hidrelétricas de Tucuruí e Itaipu, etc. Elas atingiram vários povos, na medida em que tiveram de ser construídas em áreas por eles ocupadas, além do problema da contactação de povos ainda desconhecidos da sociedade nacional. No entanto, esse também é o período de formação de um movimento indígena no Brasil, a partir das ações do CIMI, Conselho Indigenista Missionário, órgão ligado à Igreja Católica.

Nosso interesse por estudar as representações do índio nessas revistas, durante esse período (a década de 70), se dá pelo fato de que elas praticamente silenciam acerca desse movimento indígena nascente, reforçando todo um imaginário de que índio “verdadeiro” é um ser exótico ou selvagem, e de que, ao entrar em contato com o branco, vai se aculturar e até se extinguir. Outro fator que nos leva a empreender esse estudo é o fato de que os meios de comunicação de massa gozam de grande credibilidade junto ao público, principalmente aqueles que veiculam imagens, sendo um importante instrumento de informação e formação de opiniões.

2. METODOLOGIA

Antes de discorrermos sobre a metodologia empregada, falaremos um pouco sobre nossas fontes. Neste sentido, realizamos um trabalho técnico de

levantamento de fontes na Biblioteca do Senado Federal, localizada em Brasília, onde encontramos um número bastante elevado das revistas *Manchete* (considerando-se que essas revistas eram editadas semanalmente, e que nesse arquivo há disponibilizado praticamente todos os números, separados por tomos de cada mês e ano, poderíamos afirmar que há um total aproximado de 480 revistas)

Utilizaremos aqui como um referencial de método para lidar com as fotografias Boris Kossoy, autor que vem lidando desde a década de oitenta com os problemas da fotografia como fonte e as possibilidades de os historiadores se aprofundarem neste tipo de fonte. Em seu texto “Proposição Metodológica de Análise e Interpretação das Fontes Fotográficas: A Desmontagem do Signo Fotográfico”, ele nos aponta um caminho que consideramos interessante para o nosso problema.

Em primeiro lugar, ele nos propõe uma análise iconográfica. Isso consistiria em duas etapas: reconstituir o processo que originou a fotografia, determinando assim os elementos que concorreram para sua materialização (assunto, tecnologia, fotógrafo), e as coordenadas de situação: o espaço e o tempo; obter uma minuciosa identificação dos detalhes icônicos que compõe a fotografia.

O segundo passo consistiria na Interpretação Iconológica, momento de se ater ao fato de a fotografia ser “uma representação onde se tem registrado um aspecto *selecionado* daquele real, organizado cultural, técnica e esteticamente”. (Kossoy. 1999: 59).

Já para a parte textual, vamos empregar o método qualitativo, pois, segundo Alzino Furtado e Heliane Prudente, é o que melhor atende aos trabalhos que “*propõem estabelecer sentido e significação que estão para além da aparência dos fatos*” (MENDONÇA; NUNES, 2003, 72).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira análise que fizemos do nosso material, pudemos perceber que as reportagens até 74 primam por mostrar um índio de características exóticas, que é mais um “elemento da natureza” e que, por isso mesmo, é objeto da curiosidade do branco, do estrangeiro que visita o país. Isso fica claramente evidenciado pelos títulos das reportagens. *Viagem à terra dos índios (28/03/70)*; *A serviço de sua majestade entre os índios (18/07/70)*; *Os índios barbudos da Amazônia (03/07/71)*; *As aventuras de uma francesa entre os xincris da Amazônia (09/12/72)*, etc. Essa imagem de índio exótico é reforçada pelas fotografias e legendas que acompanham as reportagens. Normalmente são tiradas ou no chamado Plano Geral, em que o ambiente prevalece sobre os elementos móveis ou vivos (o que normalmente se dava fotografando um grupo de índios na mata, na aldeia, reforçando a idéia de que o índio é mais um elemento da natureza) ou então em primeiro plano (o conhecido close up), em que se foca o rosto ou corpo do fotografado (suas expressões. Nessas fotografias temos predominantemente a imagem do índio folclórico, (aquele que está pintado para a guerra, ou de índias nuas, etc). Como pode-se perceber, essas fotografias tem um papel muito importante, pois reforçam a imagem de que índio é só aquele que está na selva, que se pinta, etc.

Outra linha de reportagens sobre a questão indígena a relaciona com os grandes projetos desenvolvimentistas do momento. É o que se percebe em reportagens

como *21 Razões para confiar no Brasil (23/01/71)*; *BR -080 O Novo Caminho da Amazônia (12/06/71)*; *Perimetral Norte: uma Estrada com a Largura do Brasil (07/07/73)*; *Perimetral Norte: a conquista da Amazônia (18/08/73)*, etc. Essas reportagens primam por mostrarem esses projetos como, além de grandiosos, como elementos de progresso do país. Os índios só são mostrados no fim dessas reportagens, normalmente uma fotografia pequena, perto das demais, em Grande Plano Geral, mostrando a grandiosidade das estradas que estão sendo construídas ou dos projetos empreendidos.

A partir de 74, podemos perceber uma mudança na forma com que esses índios são representados. Deixa-se de lado essa imagem de índio exótico, ou mesmo uma entusiasta em relação ao progresso trazido com esses projetos desenvolvimentistas e entra a de que os índios vão se aculturar ao entrar em contato com a sociedade envolvente e que em breve se extinguirão. Isso fica patente em reportagens como *Os últimos kren-akarore (01/02/75)*; *Os últimos tupiniquins (30/08/75)*; *Caingangues: a última chance (18/10/75)*; *Amazonas: o fim de uma tribo (29/11/75)*; *Rondônia: os conflitos entre posseiros e índios se agravam (18/12/76)*; *Índios: uma tragédia brasileira (04/11/78)*, etc. O interessante notar é que, a partir de 74 já temos Assembléias Indígenas atuantes, e isso é totalmente silenciado. A única reportagem sobre esse tema, intitulada *Os índios não são objeto*, texto de autoria de Dom Tomás Balduino (presidente do CIMI), em 29/01/77, escrita uma semana após a uma Assembléia Indígena que foi cancelada pela ação da polícia, encontra-se com claros sinais de censura, haja vista o fato de metade do texto não ser publicado (está em branco).

4. CONCLUSÃO

Após as análises dessas reportagens e de levarmos em conta as conclusões a que chegaram outros trabalhos com a mesma temática, chegamos à conclusão de que elas acabam por criar ou fortalecer todo um imaginário corrente na época acerca do índio, silenciando o movimento indígena nascente, e insistindo em representa-lo como um ser ora “exótico” – o “bom selvagem”, ora como o ser que ao entrar em contato com a “civilização” vai acabar se aculturando e se extinguindo, acabando por estimular a permanência de um status quo em relação à questão indígena.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAITZ, Rafael. *Um continente em foco: a imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras (1954-1964)*. São Paulo. Humanitas/FFLCH /USP. 2003.

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo. Ateliê Editorial. 1999

MENDONÇA, Alzino F; NUNES, Heliane Prudente. *Elaboração do Projeto de Pesquisa*. In: *Metodologia Científica: Guia para Elaboração e Apresentação de Trabalhos Acadêmicos*. Alzino F. de Mendonça, Cláudia Regina R. Rocha, Heliane P. Nunes, Sueli M. de Regino. Goiânia: Faculdades Alves Faria, 2003. Pp 59 – 83.

FONTE DE FINANCIAMENTO – CNPq/PIBIC

ⁱ Bolsista de iniciação científica, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia; deboracorre@bol.com.br

ⁱⁱ Orientador/Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia/UFG, leandromrocha@uol.com.br